

# GRAUBEN

## “PONTINHOS, OU PONTILHADO, SEI LÁ”

MARIA IGNEZ CORRÊA DA COSTA



“uma sobrinha me comprou uma caixa de tintas e eu comecei a pintar...”

caderno

# B

espetáculo

JORNAL DO BRASIL □ RIO DE JANEIRO,  
DOMINGO, 12 E SEGUNDA-FEIRA, 13 DE MAIO DE 1968



Grauben e sua nova floresta

— Sempre gostei do ar livre. Em criança, morei ao lado de uma floresta. Me metia por ela adentro. Tinha loucura. A minha mãe, de longe, gritava Grauben, Grauben, Grauben. Lembro da minha tristeza quando vi que haviam roubado meu ninho de beija-flor. Foram uns moleques. É, deve ser por isso que pinto a natureza. Só em criança. Depois nunca mais eu entrei numa floresta. A pintura é com certeza o pensamento daquele tempo.

De repente, aos setenta anos ela começaria a pintar uma floresta colorida cheia de pássaros, borboletas, flores, plantas, e de vez em quando alguns peixinhos. Hoje, nove anos depois, aproximadamente mil e quinhentos quadros, um enfarte e muitas coletivas e individuais fazem a história de uma pintora alegre, e completam a vida de uma mulher dinâmica, das primeiras no Brasil a possuir um cargo público, a trabalhar na imprensa e a tomar bonde sózinha.

— Eu nunca tinha experimentado um lápis de cor. Nunca pensei em nada. Era uma funcionária pública no Rio de Janeiro. É, dizem que estou diferente. Não sei se é evolução isso aí. É, acho que sim, talvez. Mas não sei se estou ou não. Sou incapaz de falar de pintura. Há uns quadros de que eu gosto, outros que não. Não entendo de Portinari. Não sei fazer a diferença entre Gaughin e Van Gogh. A primeira vez que vi uns quadros do Raimundo de Oliveira, achei horríveis. Eram em preto e branco, uma fase muito triste. Depois eu fiquei amiga d'ele. Ele quiz me dar um quadro. Escolhi o que achava menos feio, eu não sei desenhar direito, não. Tenho uma sobrinha, com nove anos, que está pintando peixinhos melhor que eu.

Grauben diz que gosta de conversar, “mas que depois dessa história que eu tive (enfarte) não posso falar muito”:

— Mas não tem importância eu conversar com você. Depois vou deitar sossegada. Eu estive doente pra burro. Passei vinte dias numa casa de saúde. Agora mesmo saiu o médico daqui. O Dr. Lopes Pontes é um médico importantíssimo. Ele não me cobra nada. Mas, o outro dia, eu resolvi sair, porque achava que já estava boa. Fui em casa de uma amiga. Dei uma voltinha, voltinha essa que me custou 156 contos. Tive vertigem. Foi no domingo passado. Tive indisposição. Tinha tomado meia xícara de café e pão sem miolo. Uma estupidez! Foi preciso fazer dois eletros, exame de sangue e comprar remédios. Há dois meses não saía de casa. Mas eu já disse ao doutor que vou sair, e sózinha. Mas vou parar de falar de doença.

Grauben gosta de falar nos filhos. Mostra o retrato da filha pianista, em *tournee* pelos Estados Unidos, e mais recorte de uma crítica elogiosa:

— Aplaudiram-na de pé. Fico muito contente. Ela é muito mais inteligente que eu. Seu nome é Eunice Katunda. Ela é um prodígio. Muito mais prodígio que eu, sim. Nem se discute isso. É o que se chama um gênio. Com três anos ela sentou no piano e tocou uma música inteirinha. Tenho mais dois filhos, o Marcos e o Hélio. Como meu marido era meu primo-irmão, tinha medo de que as crianças nascessem com defeito. Cada vez que nascia um eu ficava olhando para ver se tinham alguma coisa. Mas graças a Deus não têm nada. São mais inteligentes que muita gente. Muito mais do que eu. E eu fui vencer...

Muito amarelo, muito azul, muito verde. Seus últimos quadros parecem ainda mais coloridos que os de há alguns anos passados:

— Isso não quer dizer se estou mais triste ou mais alegre. Sei, sim, misturar tintas. Mas não acho melhoria nenhuma na minha maneira de misturar tintas. Não, não sei o nome dos pássaros. Só de alguns. Esse aqui é um colheiro, de colher, porque o bico parece uma colher. Eu tenho um livro de pássaros mas nunca faço um pássaro igual aos que eu vejo, nem sei fazer uns iguais aos outros. Primeiro faço o fundo. Depois de seco, ponho os pontinhos. Ou pontilhado, sei lá.

A partir de hoje, borboletas, pássaros, girassóis e peixinhos estarão em exposição na Galeria do Copacabana Palace. Grauben diz não se deixar emocionar com exposições.

— No princípio eu não tinha noção do alcance disso. Agora é que eu sei a importância de uma exposição. Essas bobagens... Uma coisa bonita sim, me emociona, e me faz chorar. Quando eu vi o Caruso cantar eu chorei! Meu marido disse que se eu não parasse de chorar, iria me levar embora. Também quando eu olho um crepúsculo bonito, eu choro. Uma vez eu estava chorando na janela quando chegou minha sobrinha e perguntou o que tinha acontecido, se alguém tinha morrido. Ela então me comprou uma caixa de tintas e foi assim que eu comecei a pintar.

Grauben diz-se uma pintora que não sabe o que está fazendo. Pinta na hora em que está disposta, de manhã, logo depois do café. Duas horas de sesta é a última ordem do médico. Depois das sete da noite nada mais de telas, pincéis e tintas. Um quadrinho por manhã é a média. Grauben não se cansa de pintar.

— Esse é o meu mundo. Também não faço outra coisa na vida, a não ser levantar, deitar, levantar, deitar. Eu sou assim, não gosto de vê-la compenetrada.